

Mapeando o Panorama da Educação Sexual no Brasil: uma Análise das Pesquisas Indexadas no SciELO

Mapping the Panorama of Sexual Education in Brazil: an Analysis of Research Indexed on SciELO

Milene Cabral Vieira^{*a}; Rubia Emmel^b

^aInstituto Federal Farroupilha, RS, Brasil.

^bInstituto Federal Farroupilha, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. RS, Brasil.

*Email: milenevieira1088@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as contribuições dos autores dos artigos publicados no país sobre educação sexual, a fim de analisar as contribuições e suas principais características (ano de publicação, autoria, título, área do conhecimento e resultados), assim como os temas abordados e as instituições de pesquisa responsáveis pelas ações. Através da abordagem qualitativa e tipologia de pesquisa documental, este estudo apresenta o estado da arte elaborado a partir da busca de artigos na base de dados SciELO, no período de 2017 a 2021. A procura na base de dados expressou um quantitativo de 28 pesquisas, nas quais foi possível, pela Análise Temática de Conteúdo, os seguintes aspectos: - Áreas do Conhecimento; - Instituições que realizaram as pesquisas; - Mapeamento geográfico dos estados Periódicos em que os artigos foram publicados; - Metodologias utilizadas nas pesquisas. Esta investigação possibilitou perceber um campo de pesquisas da temática educação sexual, analisados em variados temas e pontos de vista metodológicos e teóricos, que consideram a publicação na base de dados dos autores enquanto pesquisadores. A partir da leitura dos artigos, foi identificado a prevalência de pesquisas realizadas na área da saúde -medicina e enfermagem- sobre o tema educação sexual, e também nas revistas ou periódicos que recebem o nome relacionado a saúde e educação. Sendo assim, esta análise das pesquisas evidenciou que este tema compõem um problema de saúde pública no Brasil. Por fim, salienta-se a relevância de prosseguir pesquisando a temática de educação sexual, compreendendo-a em diversas produções de pesquisas brasileiras.

Palavras-chave: Pesquisa Documental. Estado da Arte. Sexualidade.

Abstract

The present research aimed to understand the contributions of the authors of articles published in the country on sexual education, in order to analyze the contributions and their main characteristics (year of publication, authorship, title, area of knowledge and results), as well as the themes addressed and the research institutions responsible for the actions. Through a qualitative approach and documentary research typology, this study presents the state of the art prepared from the search for articles in the SciELO database, from 2017 to 2021. The search in the database expressed a quantity of 28 researches, in which the following aspects were possible, through Thematic Content Analysis: - Areas of Knowledge; - Institutions that carried out the research; - Geographic mapping of the Periodic states in which the articles were published; - Methodologies used in research. This investigation made it possible to perceive a field of research on the topic of sexual education, analyzed in various themes and methodological and theoretical points of view, which consider publication in the database of the authors as researchers. From reading the articles, the prevalence of research carried out in the area of health - medicine and nursing - on the topic of sexual education was identified, and also in magazines or periodicals that have a name related to health and education. Therefore, this analysis of the research showed that this topic constitutes a public health problem in Brazil. Finally, the relevance of continuing to research the topic of sexual education is highlighted, understanding it in several Brazilian research productions.

Keywords: Documentary Research. State of Art. Sexuality.

1 Introdução

A temática da Educação Sexual vem sendo recorrente em pesquisas brasileiras (Almeida et al., 2017; Figueiró, 2006; Silva, 1998). Estas pesquisas são desenvolvidas nas mais diversas áreas de conhecimento (educação, saúde, direitos humanos, políticas públicas), sendo que as pesquisas podem ser desenvolvidas também no âmbito dos programas de pós-graduação, em mestrados e doutorados.

Ao buscar uma definição de Educação Sexual, o Dicionário de Educação Sexual, Gênero e Interseccionalidades (Carvalho et al., 2019) conceitua a educação sexualizada como parte de um processo humano, em que os indivíduos compartilham

conhecimentos relacionados ao sexo e à sexualidade: ao desejo, atração, afetividade, ao prazer, autoconhecimento e aos princípios construídos na sociedade durante anos. A partir dessa definição percebe-se a complexidade envolta ao tema, que não pode ser visto fragmentadamente, já que há a necessidade de refletir sobre a sexualidade, pois ela se inicia durante o período escolar, gerado pelos hormônios aflorando ainda mais sexualidade dos estudantes (almeida et al., 2017).

Os estudos de Figueiró (2006) trazem a relevância da temática Educação Sexual, sobre a importância deste tema ter mais visibilidade no Brasil. Considerando os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), tendo como exemplo as Infecções sexualmente Transmissíveis (IST),

consideradas um dos problemas de saúde pública mais comum em todo o mundo e, no Brasil, suas estimativas de infecções de transmissão sexual na população sexualmente ativa, a cada ano, são: sífilis: 937 mil casos; gonorreia: 1.541.800; clamídia: 1.967.200; herpes genital: 640.900; e HPV: 685.400. Sobre a importância de educar sexualmente, os estudos de Figueiró (2006) mostram que a educação sexualizada está relacionada com o direito de toda pessoa receber informações sobre o corpo, sexualidade e o relacionamento sexual e, também, como o direito de ter mais de uma oportunidade para expressar sentimentos, aprender, refletir e debater esse tema para poder formar sua própria opinião, seus valores, sobre o que é sexo e sexualidade.

Considerando esta problemática envolta ao tema da educação sexual, destaca-se nesta pesquisa a importância de ampliar as investigações sobre o tema. Deste modo, originaram-se os questionamentos: Quais são os acervos recentes em pesquisa sobre o tema? Onde foram feitos? Quais são as abordagens e áreas de conhecimento? Quais instituições e periódicos? Estas questões originaram o objetivo da pesquisa: objetivo compreender as contribuições dos autores dos artigos publicados no país sobre educação sexual, a fim de analisar as contribuições e suas principais características (ano de publicação, autoria, título, área do conhecimento e resultados), assim como os temas abordados e as instituições de pesquisa responsáveis pelas ações.

2 Material e Métodos

Este artigo apresenta uma abordagem qualitativa (Lüdke; André, 1986), realizada por pesquisa do tipo documental,

a partir da busca na base de dados de pesquisas brasileiras indexadas e disponíveis em meio eletrônico no SciELO¹. Foram encontradas pesquisas entre os anos de 2017 a 2021.

Como parâmetro de busca foi utilizado o termo: Educação sexual. Foram encontrados 209 artigos, sendo realizada uma primeira leitura do resumo, das palavras-chave e da introdução, e destes 209 artigos não foram incluídos 181, pois um dos critérios para essa seleção foi de apenas pesquisas brasileiras e realizadas no território do Brasil, nos anos de 2017 a 2021.

Realizamos a análise temática de conteúdo (Lüdke; André, 1986) das pesquisas encontradas na base de dados a partir de classificações, retratadas nas sistematizações dos quadros analisadas neste artigo. Foram respeitadas as questões éticas de pesquisa, pois os trabalhos acadêmicos selecionados eram de uma base de dados de domínio público na 'web' 2.0. As pesquisas encontradas foram nomeadas por uma letra "P" (pesquisa) seguidas de numeração em ordem crescente: P1, P2 até P28.

3 Resultados e Discussão

Apresentamos as análises dos artigos da base de dados com a finalidade de identificar, de modo geral, cada artigo deste recorte de pesquisa, na temática Educação Sexual, possibilitando um panorama dos artigos. A busca na base de dados delimitou-se aos artigos publicados nos últimos cinco anos no SciELO. Por meio dos resultados da busca se indicou um quantitativo de 28 artigos, entre os anos de 2017 a 2021 (em ordem crescente). A partir desta busca foi possível elaborar a Quadro 1, com o indicativo do Corpus de Análise das pesquisas indexadas:

Quadro 1 - Corpus de Análise

P	Autor/Ano	Título
P1	Carvalho, M.C.; Sívori, H.F., 2017	Ensino religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira
P2	Nasser, M.A. et al., 2017	Avaliação na atenção básica do Estado de São Paulo, Brasil: ações incipientes em saúde sexual e reprodutiva
P3	Reis, T.; Eggert, E., 2017	Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros
P4	Rufino, A.C.; Madeiro, A.P., 2017	Práticas educativas em saúde: integrando sexualidade e gênero na graduação em medicina
P5	Campos, H.M. et al., 2017	Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes
P6	Veira, P.M.; Matsukura, T.S., 2017	Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública
P7	Pinheiro, A.S.; Silva, L.R.G.; Tourinho, M.B.A.C., 2017	A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersetorialidade.
P8	Borges, R.O.; Borges, R.O.; Borges, Z.N., 2018	Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas
P9	Fonte, V.R.F. et al., 2018	Jovens universitários e o conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis
P10	Brandão, E.R.; Lopes, R.F.F., 2018	Não é competência do professor ser sexólogo. O debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação
P11	Ataliba, P.; Mourão, L., 2018	Avaliação de impacto do Programa Saúde nas Escolas
P12	Furlanetto, M.F. et al., 2018	Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura
P13	Telo, S.V.; Witt, R.R., 2018	Saúde sexual e reprodutiva: competências da equipe na Atenção Primária à Saúde
P14	Maus, L.C.S. et al., 2019	Saúde da família: convergências das práticas educacionais e de pesquisa

¹ www.scielo.br.

P	Autor/Ano	Título
P15	Miskolci, R.; Pereira, P.P.G., 2019	Educação e Saúde em disputa: movimentos anti-igualitários e políticas públicas
P16	Soares, Z.P.; Monteiro, S.S., 2019	Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios
P17	Pássaro, A.C. et al., 2019	Adaptação cultural e confiabilidade do questionário de educação sexual em meio escolar
P18	Leite, V., 2019	Em defesa das crianças e da família: refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade
P19	Gasparim, C.A.; Monteiro, M.R.B.; Silva, V.A.M., 2019	Relato de Experiência: construção e Desenvolvimento do Programa de Saúde na Escola (PSE) sob a Perspectiva da Sexualidade na Adolescência
P20	Ramos, R.C.A. et al., 2020	Práticas para a prevenção de infecções de transmissão sexual entre alunos universitários
P21	Carvalho, C.C.; Kodama, K., 2020	A educação sexual no confessionário: mediação da ciência pelos católicos nos impressos Lar Católico e Família Cristã (década de 1950)
P22	Rodrigues, V.C.C. et al., 2021	Fatores associados ao conhecimento e atitude dos adolescentes em relação ao uso do preservativo masculino
P23	Vieira, K.J. et al., 2021	Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes
P24	Campos, D.C.; Urnau, L.C., 2021	Exploração sexual de crianças e adolescentes: reflexão sobre o papel da escola
P25	Takara, S., 2021	Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia
P26	Dias, D.F.; Sposito, N.E.C., 2021	Educação sexual: uma sequência didática para a EJA de uma escola de assentamento
P27	Leite, F.; Pereira, M.F.; Santos, A.D. P., 2021	Atuação em psicologia escolar: intervenções com profissionais sobre educação sexual
P28	Brilhante, A.V.M. et al./2021	Eu não sou um anjo azul: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas

Legenda: P: Pesquisa; Ano: Ano que foi publicado na revista indexada no SciELO.

Fonte: dados da pesquisa.

O Quadro 1 expressa que foram encontradas na Base de Dados SciELO 28 pesquisas, no período dos anos de 2017 até 2021, acerca do tema Educação sexual. Percebemos que ao longo dos anos houve diminuição de artigos publicados na base, sendo nos anos de 2018, 2019 e queda mais abrupta no ano de 2020. Entre os fatores supõe-se a diminuição de políticas públicas em nosso país, já que no início de 2019 o governo anunciou o corte de verbas de 2,2 bilhões em todas as universidades brasileiras, resultando na restrição de investimentos na pesquisa e na pós-graduação com as linhas de pesquisas e enfoque temático na área de Educação (Alves, 2020). Acredita-se que a queda brusca em publicações no ano de 2020, tem como principal fator a Pandemia da Covid-19 que pelo isolamento social, pela restrição das aulas online, em contexto do ensino remoto nas instituições de ensino.

Em relação às temáticas de pesquisa identificadas nos títulos, percebemos que educar sexualmente vai muito além do entendimento da anatomia do corpo humano e dos órgãos genitais. Esta compreensão parte da definição de sexo e sexualidade em Figueiró (2006), o primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e a necessidade de satisfazer a própria vontade e do parceiro, já a sexualidade, no que lhe concerne, inclui o sexo, o prazer, o sentimento mútuo, toque, intimidade e afetividade.

Ainda com Figueiró (2006) em sua investigação que emerge pelo olhar de escolas inclusivas, o tema da educação sexual é de extrema relevância para o educando e para o educador. Conforme a mesma autora, o objetivo da educação sexual é fazer o estudante construir o conhecimento autônomo e co-responsável por sua formação pessoal, esse processo fica nítido ao ler o depoimento de um professor que participou de grupos de educação sexual:

O Grupo de Estudos abriu minha cabeça! Assim: 360 graus!

Porque, até então, a minha visão era aquela do aparelho reprodutor, enquanto morfologia e fisiologia. E eu não dava aula de sexualidade; eu dava aula de Biologia do aparelho reprodutor. Hoje não! Hoje, lendo todas aquelas bibliografias, a gente agora fez uma abertura: eu entendi o outro lado da sexualidade. Eu não entendia a sexualidade; eu entendia sobre o aparelho reprodutor, masculino e feminino (Figueiró, 2006, p.17)

Neste sentido, ressalta-se a importância de estudos sobre esta temática, pois também Silva (1998) destaca a relevância deste tema ser abordado em sala de aula, considerando a postura do educador, pois a maneira que o professor ensina e se expressa diante questionamentos sobre a sexualidade, revela o valor que essa temática agrega na vida dos estudantes. Ao ensinar esta temática, o professor assume a responsabilidade de explicar e ressignificar sexualidade humana, como processo comum no desenvolvimento do ser humano, fazendo com que o indivíduo desenvolva melhor sua relação pessoal e social.

Embora a sexualidade para os adolescentes seja compreendida como desejo de contato, calor, carinho ou amor, os estudos de Almeida et al. (2017) revelam que ainda é um tabu para a família diálogos sobre sexualidade e sexo, fazendo com que os adolescentes recorram aos amigos, revistas, filmes, televisão e internet para adquirirem essas informações, e com menos frequência de professores e de profissionais de saúde, essa busca que é feita através dos amigos e outros meios de comunicação acaba sendo preocupante, pois as informações podem não ser verdadeiras. Os prejuízos decorrentes da desinformação, às IST constituem-se em sério problema de saúde pública, sobretudo na adolescência, podendo deixar sequelas, curáveis ou não, como infertilidade, câncer genital, doença hepática crônica, entre outras. Apesar que atualmente haja diversas fontes de informações seguras, muitos adolescentes no Brasil não têm acesso a elas, o que pode

acarretar um grande prejuízo para saúde sexual e social do estudante (Almeida et al., 2017). Estudos de Silva et al. (2021) sobre a percepção dos adolescentes quanto à educação sexual, demonstram que o indivíduo vai se descobrindo conforme este se conhece e se entende em relação a sua sexualidade, tornando um tópico ainda mais relevante para se abordar no contexto escolar.

Demarca-se que no ano de 2020 houve o menor número de artigos publicados (dois artigos) sobre a temática educação sexual, demonstrando uma variação no crescimento de pesquisas na área, ou seja, acredita-se que devido à redução de incentivo no fomento a pesquisa. A hipótese se confirma, a partir de uma publicação (Lemos, 2021) que põem em nota o esclarecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), afirma que devido à Pandemia do Covid-19 não conseguiram recursos financeiros suficientes para conceder bolsa para pesquisadores, para poderem conduzir seus projetos.

Foram realizadas leituras e a partir destas produzidas sínteses das pesquisas, a fim de compreender melhor o conteúdo e a contribuição de estudos sobre Educação Sexual. A partir das sínteses produzidas foi possível perceber as tendências e padrões emergentes nas pesquisas, identifica-se que os temas comuns entre as pesquisas são os seguintes: sexualidade, ideologia de gênero, desigualdade de gênero, IST. Em relação às metodologias de pesquisa, em sua maioria foram de cunho quantitativo, por meio de entrevistas semiestruturadas, grupos demográficos estudados como estudantes tanto de ensino básico quanto superior, a fim de analisar seus conhecimentos básicos referente à educação sexual. Além disso, percebemos as principais conclusões e as lacunas identificadas referentes às temáticas apresentadas em cada pesquisa.

Evidenciam-se nas pesquisas as lacunas em relação ao desenvolvimento do tema da Educação Sexual nas escolas, em P4, P5, P6, P7, P12, P20, P21, P22, P23, P27 e P28 demonstram o quão raso são as metodologias de ensino da educação sexual em escolas no ensino fundamental e médio. Estes aspectos também são evidenciados por P9 e P26 em seus estudos com universitários, que mostram a defasagem desde o ensino básico em volta ao tema da sexualidade, por possuírem baixo conhecimento em relação às IST, mostrando a necessidade de novas estratégias de educação. Ainda, P15 e P17 relacionam o não desenvolvimento do tema nas escolas com a falta de incentivo em políticas públicas.

As sínteses em P6, P7 e P17 indicam que a falta de preparo dos professores em abordar essas temáticas e a falta de incentivo à educação sexual constituem um problema de saúde pública e direito sexual. Neste sentido, afirma-se a importância da Educação Sexual, em especial as crianças e os adolescentes que ainda em nossa sociedade atual não tem o conhecimento e o lugar confiável em discutir/debater sobre as questões que envolvem a sexualidade, o gênero e o corpo, o que por sua vez, os torna mais suscetíveis a abusos sexuais e preconceitos (Cordeiro, 2022). Ainda com Cordeiro (2022),

entende-se que incluir discussões sobre temas que envolvem a Educação Sexual, é criar caminhos para o combate à violência sexual, violência contra a mulher, o assédio moral e sexual.

Além disso, nota-se que o mais frequente são pesquisas referentes ao conhecimento geral da educação sexual dos educadores e dos educandos. Isso fica evidente em P5, que mostra a percepção que estudantes do ensino médio têm em relação ao tema da sexualidade e de gênero, evidenciando preconceitos relacionados às temáticas debatidas e mitos referente à sexualidade. Em relação à base de dados P5 é apenas um dos exemplos de pesquisas que buscam compreender o entendimento dos estudantes acerca dessa temática, notamos que as outras pesquisas que tratam de assuntos semelhantes a esta, também trazem resultados convergentes, como, por exemplo, preconceito, medo ou vergonha de falar/perguntar sobre sexo, gênero e sexualidade, acarretando mitos e inverdades.

Podemos ainda citar P1, P10 e P12, sendo pesquisas que buscam na literatura a constituição de como a história de educar sexualmente é malvista pela sociedade, pois desde sempre esse assunto foi negligenciado pelas escolas, que reforçaram os pânicos sexuais, porém, as pesquisas afirmam que abordar as políticas sexuais no espaço escolar é de extrema importância. Acreditamos na importância de resgatar a história da educação sexual a fim de entender o porquê de esta ser censurada nas escolas, sendo fundamental, tanto para contribuir a uma compreensão ampla do contexto histórico, das condições e dos termos em que tais marcos são produzidos, quanto para o investimento acadêmico e político vigente, que somam importantes contribuições para o campo (Carvalho; Sívori, 2017).

Ao explorar as sínteses, nota-se que a maioria das pesquisas tem como foco central universitários e estudantes de ensino médio, sendo que a maioria das pesquisas (11) foi realizada em escolas. As pesquisas que realizam o estudo com universitários (9), evidenciam que o ensino básico desses estudantes foi falho, já que por sua vez, os resultados mostra haver preconceitos relacionados à sexualidade e dificuldades para conversar sobre o tema, além de possuir baixo conhecimento em relação às ISTs, mostrando a necessidade de novas estratégias de educação sexual da população jovem universitária e também nas escolas de ensino básico.

Das 28 pesquisas que compõem a base de dados, identifica-se que 12 abordam a educação sexual por um viés da saúde sexual e restrita aos conhecimentos biológicos. Essas questões são relevantes, entretanto há a necessidade de uma abordagem mais integrada da educação sexual, com caráter biopsicossocial. Conforme Souza e Coan (2013, p.7)

4“é preciso ir além do enfoque científico-biologicista (neuro) das aulas de sexualidade ainda pautados, na maioria das escolas, nos riscos, na doença, na violência e na morte para dar espaço para a associação da sexualidade também com o prazer e à vida.

Neste viés, também os estudos de Vieiras e Matsukura

(2017), mostram que questões envolvendo o corpo, a sexualidade, o gênero, estão presentes desde a infância e delas constituem-se os desejos, os laços afetivos, os sentimentos, as manifestações da diversidade sexual de cada indivíduo, cada um com suas particularidades, ou seja, a sexualidade constitui o indivíduo.

No Quadro 2 estão apresentadas as instituições com pesquisas sobre Educação Sexual. Pela tabulação de dados foi possível relacionar artigos, temáticas e projetos institucionais. Sendo assim, no Quadro 2 identificamos o total de 22 instituições com produções de artigos na base de dados.

Quadro 2 - Instituições com pesquisas sobre Educação Sexual

IES*	Pesquisas	Total
UNIR	P7, P24, P25.	3
USP	P2, P17, P23.	3
UERJ	P20, P21.	2
UNISINOS	P3, P12.	2
UFSCar	P6	1
UFG	P16	1
CPqRR	P5	1
CLAM	P18	1
IMS-UERJ	P1	1
UFMS	P8	1
UNIFOR	P28	1
UESPI	P4	1
UFPB	P27	1
UFSC	P14	1
UNIFESP	P15	1
UFU	P26	1
UFC	P22	1
UNIPAMPA	P19	1
UFRJ	P10	1
UFRGS	P13	1
UNIVERSO	P11	1
UVA	P9	1

Legenda: IES: Instituições com pesquisa sobre educação sexual. Pesquisas: Artigos por instituição.

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme o Quadro 2, das 22 instituições, apenas quatro estão presentes em mais de um artigo. As instituições e universidades com dois ou mais artigos são duas públicas e duas privadas, o que pode ser relacionado à equiparação do incentivo na produção de pesquisas acadêmicas, tanto ao nível de graduação ou de pós-graduação. Destaca-se entre as IES com mais artigos, a Universidade Federal de Rondônia, que se situa da Região Norte do País.

A partir dos dados é possível perceber que a Região Sudeste do País tem maior número de pesquisas na área por serem 10 do total das 22 instituições. No Quadro 2 apresenta-se o mapeamento geográfico dos estados, localizando na maioria das pesquisas também os municípios em que foram realizadas as pesquisas na área.

Para constituir o Quadro 3 a em um primeiro momento realizou-se a leitura de cada pesquisa na base de dados, procurando identificar o município, o estado e a região em

quem foi realizada a pesquisa. Estes dados foram tabulados, originando o Quadro 3, onde se retomou a tabulação a partir das nomenclaturas dos municípios e estados, apresentando a quantidade de pesquisas por localidade.

Quadro 3 - Mapeamento geográfico dos estados

Cidade/Estado	Pesquisas	T
Rio de Janeiro/RJ	P1; P9; P10; P11; P16; P18; P20; P21.	8
Porto Velho/RO	P7; P24; P25.	3
Fortaleza/CE	P22; P28.	2
Porto Alegre/RS	P8; P13.	2
São Paulo/SP	P15; P17.	2
Belo Horizonte/MG	P5	1
Campinas/SP	P3	1
Florianópolis/SC	P14	1
João Pessoa/PB	P27	1
Monte Alegre de Minas/MG	P26	1
586 Municípios/SP	P2	1
Pouso Alegre/MG	P23	1
Valença, Volta Redonda, Nova Iguaçu, Cabo Frio, Itaboraí, Duque de Caxias e Macaé/ RJ	P16	1
São Carlos/SP	P6	1
Teresina/PI	P4	1
São Leopoldo/RS	P12	1
Uruguaiana/RS	P19	1

Fonte: dados da pesquisa.

Considerando as Regiões do País em que foram desenvolvidas mais pesquisa sobre o tema, na base de dados, expressa-se pelo Quadro 3: - Região Sudeste com quatro estados e 600 municípios (16 pesquisas); - Região Sul com dois estados e quatro municípios (5 pesquisas); - Região Nordeste com três estados e três municípios (4 pesquisas); - Região Norte com um estado e um município (3 pesquisas); a Região Centro-Oeste não há realização de nenhum artigo sobre esta temática.

Destaca-se que o Rio de Janeiro e São Paulo foram os estados que mais publicaram artigos sobre a educação sexual (P2 fez sua pesquisa em 586 municípios de São Paulo). Historicamente são os dois estados em que tivemos as primeiras universidades do país, talvez essa justificativa seja pelo fato de serem os estados mais populosos e com maior incentivo a produção científica em regiões com maior número de instituições de ensino (Chacon, 2017).

A partir da coleta de dados e seguido da realização do Quadro 3, foi possível verificar, em um contexto geral do período analisado, a predominância da Região Sudeste que contém maior número de publicações. Especificamente no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, responsável por 13 dos 28 artigos publicados que apontam a área e origem, instituição de origem, demonstrando maior interesse na realização de estudos sobre Educação Sexual. Na Região Sul o Rio Grande do Sul é outro estado que apresenta contribuição expressiva

que merece ressaltar conforme o mapeamento realizado, com total de quatro pesquisas. As demais regiões do país, mostram menor número de artigos, entende-se que isto se deve ao incentivo, às políticas públicas e ao fator econômico que circundam as pesquisas e a produção de artigos, possuindo a maior concentração em caráter histórico nas universidades brasileiras da Região Sudeste.

Identifica-se que o Rio de Janeiro é um dos estados que mais publicou pesquisas durante os anos, dos oito artigos publicados na base de dados, três trata-se exclusivamente de gênero e sexualidade (P1, P10, P16) e dois abordam sobre os discursos da igreja católica em relação à sexualidade e gênero (P18, P21). Essa grande porção de artigos sobre este tema, pode ser explicada, pelos dados do Mapa da violência de gênero (2018) que mostra que o Rio de Janeiro é o estado do país que mais versa leis sobre violência de gênero. Onde há normas que tratam do atendimento especial às vítimas, sanção de agressores, medidas de prevenção e campanhas de conscientização.

Ainda sobre o Mapa da violência de gênero (2018), São Paulo é um dos estados com maior taxa de violência contra pessoas LGBTQIA+, com uma média de 52 casos a cada 100 mil habitantes. Refletindo sobre as pesquisas tabuladas no estado de São Paulo (P3; P15), tem a temática específica sobre igualdade de gênero e discursos anti-igualitários. Além disso, ainda há pesquisas que têm como temática o modo como o professor aborda o assunto educação sexual em sala de aula (P6; P17).

Ressalta-se que na Região Nordeste há apenas quatro artigos publicados (P4; P22; P27; P28), sendo uma das regiões que menos publicou pesquisas sobre o tema. Em uma busca, identifica-se que o estado do Ceará (Região Nordeste) é um dos que mais sofre com aumentos de casos de violência de gênero (Soares, 2019). Além disso, no estado de Alagoas há mais casos de homicídios de transexuais, considerando a densidade demográfica, sendo o estado brasileiro com maior densidade demográfica urbana, com 4.880 pessoas por quilômetro quadrado, conforme uma pesquisa realizada pela Gazetaweb em 2020. Ressaltam-se estes dados, pois no estado de Alagoas não foram identificadas pesquisas nesta base de dados.

A pesquisa (P2) aborda sobre o desempenho do Sistema Único de Saúde (SUS) em relação à saúde sexual e reprodutiva no estado de São Paulo. Essa pesquisa foi desenvolvida com 2.735 serviços, localizados em 586 municípios, visando avaliar a implementação da saúde sexual e reprodutiva na atenção primária à saúde e o investimento em educação sexual. A iniciação sexual no Brasil é consentida a partir dos 14 anos, também a idade na qual muitos adolescentes começam a prática sexual e acabam não tendo a oportunidade de se preparar para essa iniciação, já que muitos familiares proibem e negligenciam a educação sexual por razões, muitas vezes, religiosas e normas culturais que podem acarretar o aumento no número de gravidez na adolescência e infecções

sexualmente transmissíveis (Soares, 2019).

Segundo pesquisa realizada pela OMS (2019) mais de 1 milhão de casos novos de ISTs curáveis são registrados diariamente no mundo, entre pessoas de 15 a 49 anos. Equivalente a mais de 376 milhões de casos novos anualmente de quatro infecções - gonorréia, sífilis, clamídia e tricomoníase. Além disso, o Brasil é o país com maior taxa de gravidez na adolescência da América Latina, entretanto, de acordo com registro do Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC) o Brasil teve avanços entre os anos de 2000 e 2019, houve decréscimo no número de bebês nascidos de mães adolescentes (15-19 anos) de 55%. Essa redução pode ser explicada pela ampliação da cobertura em serviços que abordam a sexualidade, em programas destinados a tratar sobre a saúde do adolescente e a disponibilização gratuita de métodos contraceptivos responsáveis pelo SUS.

No Quadro 4 apresentamos os periódicos brasileiros nos quais foram publicadas as pesquisas na base de dados. Primeiramente foram feitas leituras dos artigos, identificando em cada um o nome do periódico ou revista. Posteriormente elaboramos o Quadro 4, identificando a recorrência dos periódicos e/ou revistas conforme os artigos.

Quadro 4 - Revistas Brasileiras Indexadas no SciELO

Revistas	Pesquisas	T
Ciência & Saúde Coletiva	P13; P17; P28	3
Revista Brasileira de Educação	P6; P8; P25	3
Psicologia Escolar e Educacional	P11; P24; P27	3
Escola Anna Nery	P4; P19	2
Texto & Contexto - Enfermagem	P14; P20	2
Cadernos Pagu	P1	1
Cadernos de pesquisa	P12	1
Revista de Saúde Pública	P2	1
Educação & Sociedade	P3	1
Saúde em Debate	P5	1
Revista Trabalho, Educação e Saúde	P7	1
Revista de Ciências Sociais	P10	1
Cadernos de pesquisa	P12	1
Interface - Comunicação, Saúde, Educação	P15	1
Educar em Revista	P16	1
Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)	P18	1
Revista Brasileira de História da Educação	P21	1
Revista Brasileira de Enfermagem	P22	1
Educação em Revista	P26	1

Legenda: T: Total.

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se no Quadro 4 o total de 20 periódicos e revistas em que foram publicadas as pesquisas. Uma análise destes possibilitou a compreensão de diferentes temáticas

relacionadas à saúde que findaram 10 periódicos ou revistas: - quatro na área de enfermagem na análise do conhecimento dos jovens em relação as ISTs; - três ligadas a área da saúde coletiva: direitos sexuais e reprodutivos; - duas na área médica: análise do desempenho da saúde sexual em serviços de atenção primária à saúde; - uma no campo da psicologia: a importância da atuação da psicologia escolar na educação sexual e no enfrentamento da exploração sexual de jovens. As revistas com maior número de publicações foram: Revista Ciência & Saúde Coletiva (São Paulo), Revista Brasileira de Educação (Rondônia), e Psicologia Escolar e Educacional (Rio Grande do Sul); destaca-se que ambas tiveram três publicações.

Comprovando assim que a maior incidência de registros de artigos nesta base de dados identificou-se na área de saúde, mais especificamente na enfermagem, tendo como exemplos seis artigos que abordam a necessidade da educação sexual (P7; P9; P14; P20; P22; P23). Embora, na base de dados identifica-se mais artigos na área da enfermagem, ao identificar as revistas com mais publicações, percebe-se que nenhum dos artigos é relacionado a área da enfermagem.

Identificamos cinco pesquisas relacionadas à Religião (P1; P10; P12; P18; P21) em diferentes Revistas, sendo estas: Cadernos Pagu, Revista de Ciências Sociais, Cadernos de pesquisa, Sexualidad, Salud y Sociedad e Revista Brasileira de História da Educação. Estes artigos tinham a intenção de analisar socialmente os ideais e a moralidade dos discursos da igreja católica perante os assuntos sobre sexo, gênero e sexualidade em diferentes épocas.

No Quadro 5 apresentamos a tabulação das áreas de conhecimento em cada artigo. Iniciando no primeiro momento a realização da leitura de cada pesquisa na base de dados, buscou-se identificar as áreas do conhecimento.

Quadro 5 - Área do Conhecimento das Pesquisas sobre Educação Sexual

Disciplinas Escolares e/ou Áreas do Conhecimento	Pesquisas	T
Enfermagem	P7; P9; P14; P20; P22; P23.	6
Medicina	P2; P4; P7; P13; P17; P19.	6
Saúde coletiva	P5; P11; P15.	3
Psicologia	P24; P27; P28.	3
Ciências Sociais	P8; P18.	2
Pedagogia	P25; P26.	2
Ciências da Natureza	P16; P26.	2
Assistência Social	P6	1
Ensino Religioso	P1	1
História	P21	1
Literatura	P12	1
Ciências Humanas	P3	1
Fisioterapia	P4	1

Nota: T: Total.

Fonte: dados da pesquisa.

A perspectiva utilizada para a análise do Quadro 5, exerce

um caráter textual, com a relação do tema central de revistas e periódicos onde foram publicadas as pesquisas, entretanto nem sempre o tema central da revista correspondeu a área de conhecimento do artigo, por exemplo: nas revistas da temática Medicina no Quadro 5, foram identificadas no Quadro 5 publicações em variadas áreas: Enfermagem, Fisioterapia e Ciências Sociais. As revistas na área da saúde têm uma forte relação com o tema estudado, educação sexual, identificada em três áreas: Enfermagem, Medicina, Psicologia.

Em relação ao tema dos artigos, identificamos três artigos (P4, P7 e P26) em mais de uma área do conhecimento: Fisioterapia e Medicina; Enfermagem e Medicina; Pedagogia e Ciências da Natureza. Os demais artigos ficaram restritos a uma única área, sendo que as áreas com dois ou mais artigos foram: Ciências da Natureza; Pedagogia; Ciências Sociais; Psicologia; Saúde Coletiva; Medicina; Enfermagem. Percebe-se que em relação às disciplinas escolares há um quantitativo menor em relação às áreas do conhecimento que não são relacionadas a educação escolar, como, por exemplo, as áreas da saúde (medicina e enfermagem) por tratarem diretamente com doenças e infecções sexualmente transmissíveis, gravidez precoce ou não, receitas de pílulas anticoncepcionais, entre outros casos. Reforçando que a educação sexual deve vir de um viés puramente biológico, sem se ater em questões psicossociais na vida de adolescentes e adultos.

A fim de analisar a aproximação da temática educação sexual com áreas da saúde, buscam-se indícios do contexto histórico e suas relações com a educação escolar. A pesquisa de Santos (2010) visou compreender como se dava a educação sexual no âmbito educacional brasileiro durante a transição e/ou ruptura do período imperial para o republicano, entre os séculos XIX e XX. Ao historiografar a educação sexual, dois segmentos apresentaram estreita ligação, a relação entre os médico-higienistas e os grupos escolares (projetos arquitetônicos escolares) no Brasil, ou seja, os médico-higienistas aliados aos padres católicos foram os principais mentores pela propagação da educação sexual, tanto fora da escola como dentro dela, ocasionando com isso, na reprodução de estereótipos de papéis sexuais tipicamente masculinos e femininos. Além disso, Santos (2010) ressalta que era proibido que a educação sexual fosse ministrada pelos professores nas escolas, pois não eram merecedores de grandiosa tarefa.

Conforme Chauí (1985) no século XIX o sexo e a sexualidade eram tidos como algo impuro e indecentes, ou seja, não eram tratados como desejo do ser humano, mas, em contrapartida, esse repreendimento da sexualidade fez com quem houvesse mais pesquisadores buscando sobre a educação sexualizada, consolidando a ciência sexual que passou a ser abordada como questão clínica voltada para a higiene sexual e infecções sexuais. Esse fato faz com que entendamos a forte relação da educação sexual nas áreas da saúde, como, por exemplo, na enfermagem e medicina.

A Saúde Coletiva, consiste na saúde dos cidadãos e da coletividade, garantindo serviços de direito, a saúde e a

educação sexual, o Glossário do Ministério da Saúde: Projeto de Terminologia em Saúde, define que:

Promoção e Educação em Saúde Ação educativa realizada pela família, pela escola, pelos serviços de saúde e por outros atores sociais, cujo objetivo é a preparação para uma vida sexual mais prazerosa, sadia e segura (Brasil, 2004, p. 47).

Compreendemos que a área da saúde foi um dos princípios para o início da educação sexual vir à tona no Brasil, principalmente na década de 1980 e 90, em que ocorre a epidemia de AIDS, e como estratégia para a diminuição de casos, houve diversas campanhas de prevenção às IST programas de educação sexual, estimulando debates sobre propostas de educação sexual nas escolas (Quartiero, 2009). Ainda conforme a autora, estes fatos ficam mais evidentes quando no ano de 1997, o Governo Federal publicou e homologou os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), que traziam os temas transversais que abordam temáticas como: saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Estes temas, consolidaram os direitos e os deveres de cidadania, que poderiam ser abordados na educação escolar básica de todo o Brasil, legitimando assuntos que por muito tempo foram reprimidos pela sociedade, e antes eram proibidos nas escolas.

A orientação sexual é um tema transversal, que tematiza problemas fundamentais e urgentes da vida social, que entrou nos PCN devido ao crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco de contaminação por HIV, sífilis entre outras doenças venéreas (Brasil, 1998). Os estudos de Gomes (2003) sobre o PCN de orientação sexual analisam que a “orientação” não pode ser confundida como uma uniformização do comportamento sexual dos alunos, pois, conforme o mesmo autor: “discute-se a sexualidade na escola (principalmente entre os adolescentes) como se o uso do preservativo fosse a panacéia para os problemas das pessoas” (Gomes, 2003, p.54).

Desse modo, com os PCN adentram as escolas também os temas transversais, que não são de uma disciplina específica, mas podem atravessar o currículo escolar, perpassando em todas as disciplinas escolares. O tema transversal da orientação sexual, constituía-se em uma possibilidade de espaço para também o ensino da Educação Sexual, que não fosse de uma disciplina específica, mas sim em qualquer matéria, porém não foi assim que ocorreu, já que esse conteúdo ficou a cargo dos professores/as da área das ciências da natureza (Lira, 2010).

O artigo P28, é o único que trata sobre alguma síndrome e sua relação com a educação sexual. A área do conhecimento da saúde coletiva, coloca como objeto de estudo a relação de adolescentes com transtorno do espectro autista e como os adultos reagem diante à temática sexualidade e sexo. Um dos obstáculos sobre o autismo e a educação sexual na educação básica de ensino, segundo P28 é a negação dos pais e professores que tendem a pensar que a pessoa autista é assexuada e uma eterna criança (Brilhante et al., 2021), a pesquisa demonstra que esse pensamento é equivocado, pois,

de acordo com Freud (1901-1905) a sexualidade psíquica e física está presente em todo ser humano desde a infância, porém com forma de expressão diferente. Ainda com Freud, a sexualidade é a resposta da história de cada indivíduo e como ele irá reagir diante a ela, já que a sexualidade é particularmente definida por cada pessoa, ou seja, sexualidade nos constitui como ser humano, não havendo, apenas, uma única maneira de expressá-la e senti-la. Desta forma, P28 promove outra visão sobre a educação sexual, desconstruindo tabus impostos socialmente.

Em relação às metodologias de pesquisa da base de dados, foram identificadas três abordagens: 23 pesquisas de abordagem qualitativa, três pesquisas quantitativa e duas pesquisas qualitativa-quantitativa. Percebe-se que os autores dos artigos analisados, optam pela abordagem qualitativa, ao buscar por definições desta abordagem Flick (2009, p.14) traz como “um caminho da teoria ao texto e outro caminho do texto de volta à teoria”, isto é, a busca em analisar não somente a coleta de dados, mas também o processo de construção das análises e da compreensão na construção das realidades sociais de maneira holística. Neste sentido, a maioria das pesquisas utilizou abordagem qualitativa por permitir compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas, ou seja, a compreensão do contexto.

Identificou-se na base de dados oito tipologias de pesquisa, as mais frequentes foram as seguintes: nove pesquisas em Estudo de caso (P2; P5; P7; P9; P16; P22; P26; P27; P28); cinco em Pesquisa Bibliográfica (P1; P8; P12; P18; P25); quatro em Pesquisa-ação (P4; P17; P19, P24) e quatro em Pesquisa Documental (P3; P11; P17; P21). Na tipologia de Estudo de caso pode ser observada uma correlação com o Quadro 5, pois, se identifica que grande parte desta está nas pesquisas na área da saúde. Percebe-se que nesta tipologia, os autores buscam entender de que forma os pesquisados agem em relação à educação e saúde sexual nas escolas, em casa, entre amigos, ou seja, nas suas relações com a sociedade.

Entende-se que a pesquisa qualitativa na área da saúde motiva a reflexão entre relações dialógicas e rigor da análise científica (Castellanos, 2014). O estudo de caso se sobressai, não só pelo fato de ter relação de representatividade, mas também, por exigir um campo empírico mais restrito para melhor fundamentação de situações análogas (Severino, 2007).

Em relação aos instrumentos de pesquisa, os mais utilizados foram: Entrevista Semi-estruturada com 14 artigos (P4, P5; P6; P7; P11; P14; P16; P17; P19; P22; P23; P24; P27; P28); Base de dados com nove artigos (P1; P3; P8; P10; P12; P17; P18; P21; P25); Questionário fechado com cinco artigos (P2; P9; P11; P17; P20). Através da leitura dos artigos, nota-se que P4, P5 e P19 utilizaram a entrevista semi-estruturada por meio de rodas de conversa. Destaca-se P11 que utilizou dois instrumentos: Entrevista Semi-estruturada e Questionário fechado.

A entrevista semi-estruturada faz com que os pesquisados

fiquem mais livres e confortáveis de expor suas ideias e questionamentos sobre o assunto central, favorecendo respostas espontâneas. Na mesma metodologia, P27 analisa o potencial dos profissionais que atuam em escolas para promover novas reflexões e possibilidades de uma melhor atuação nas salas de aula, corroborando a perspectiva do papel do profissional de psicologia em relação às temáticas sobre gênero e sexualidade.

No que se refere as metodologias de análise dos dados as mais frequentes foram as seguintes: doze artigos utilizaram a Análise de Discurso (P1; P2; P3; P4; P10; P11; P12; P21; P24; P25; P27; P28); sete artigos em Análise Temática de Conteúdo (P6; P9; P18; P22; P23; P26; P28) e quatro artigos em Análise de Conteúdo (P5; P7; P8; P16). A análise de discurso visa o próprio discurso para o estudo (Coracini, 2019; Macedo et al., 2008), percebe-se que nestas pesquisas a coleta de dados selecionou quais casos deviam ser analisados, trata-se de pesquisas que revelaram a compreensão do contexto sociocultural, em que se apresenta as relações para a constituição do próprio discurso relacionando com o contexto histórico da sociedade, proporcionando caminhos para a reflexão do tema em estudo.

4 Conclusão

Com base nos aspectos apresentados, identificamos que esta temática investigada está longe de ser ressignificada, visto que, mesmo sendo desenvolvida na educação escolar, ainda é de modo fragmentado, restrita aos conceitos biológicos. Deste modo, esta investigação possibilitou perceber um campo de pesquisas da temática educação sexual, analisados em variados temas e pontos de vista metodológicos e teóricos, que consideram a publicação na base de dados dos autores enquanto pesquisadores.

A partir da leitura dos artigos, foi identificada a prevalência de pesquisas feitas na área da saúde – medicina e enfermagem – sobre o tema educação sexual, e também nas revistas ou periódicos que recebem o nome relacionado a saúde e educação. Sendo assim, as pesquisas, pela análise de dados, demonstram que este tema compõem um problema de saúde pública no Brasil.

Os dados apresentados evidenciam a necessidade de avanços na área da educação sexual nas escolas brasileiras, pois as ações continuam pautadas em um tratamento moral e restrito aos conhecimentos biológicos. As pesquisas revelam que algumas ações vêm sendo desenvolvidas e que há um esforço por parte de profissionais, especialmente na área da saúde, para abordar a temática no contexto escolar. Porém, para a consolidação do tema no contexto de práticas educativas, estas ainda carecem ser também ser desenvolvidas e assumidas por professores, centrando um campo que também perpassa o educacional e não apenas o campo da saúde atuando na educação.

Enquanto pesquisadores do campo educacional, considerávamos que iríamos encontrar mais estudos na área

da educação escolar. Contudo, não encontramos significativas quantidades de pesquisas no campo educação escolar, dado que estas têm grande potencial informativo na educação sexual. Pela abrangência do tema, com o importante papel de informar e ressignificar a educação sexual, com a intenção de fazer com que os estudantes tenham mais consciência do próprio corpo, além de evitar consequências reversíveis, ou não, como gravidez precoce, IST, abuso sexual que envolvem tanto aspectos biológicos, quanto psicológicos e sociais.

A produção de resultados relacionados com as análises dos dados implica em obstáculos a serem resolvidos e ditos na área da base de pesquisa, com intuito de enriquecer pesquisas sobre educação sexual. Tais problemas revelados nas pesquisas, levam a propor uma agenda que perpassa o campo das políticas públicas no tema, com pautas centradas nos seguintes aspectos: - Incentivo a pesquisa na área recorrendo ao investimento e bolsa de pesquisa; - Implantação de componentes curriculares, práticas de ensino e pesquisas sobre o tema na formação inicial de professores; - Fomentar o tema na formação continuada de professores, de modo integrado indo além do biológico, assumindo o caráter biopsicossocial; - Criar eventos sobre temas relacionados, com objetivo de promover pesquisas da área; - Fortalecer os diálogos relacionados ao tema, de modo a promover a naturalidade; - Subsídios para ações de ensino, pesquisa e extensão, tanto para o ensino superior de rede pública, quanto rede privada, com o propósito de proporcionar amparo e fomento. Sendo assim, reforça-se a importância de seguir a pesquisar o tema educação sexual, independente da perspectiva de análise, pois a base de dados listou um mapeamento das publicações de pesquisas que possibilitou o re/conhecimento de estudos que estão sendo, ou já foram realizados no Brasil.

O objetivo inicial deste estudo foi alcançado, sendo possível identificar as contribuições e as principais características, analisando as temáticas abordadas e as instituições de pesquisas responsáveis pelas ações, bem como os profissionais responsáveis pelas mesmas, porém, a discussão sobre a referida temática deve permanecer em pauta tanto no campo de investigação científica, quanto entre os profissionais que atuam nas escolas. Por fim, novas pesquisas podem ser realizadas, de modo a ampliar o foco de análise e comparar outras bases de dados, e também envolver as práticas de educação sexual nacionais e internacionais, a fim de identificar e caracterizar novos aspectos que auxiliem a fundamentação desta temática de pesquisa.

Referências

- ALMEIDA, R.A.A.S et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *Rev. Bras. Enferm.*, v.70, n.5, p.1087-1094, 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>
- ALVES, B.A.O. Estrutura Universitária: o impacto do contingenciamento de gastos na pesquisa e extensão brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Glossário do Ministério da Saúde: projeto de terminologia em saúde/Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal realiza segunda edição da Campanha Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Brasília: SAPS, 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRILHANTE, A.V.M. Eu não sou um anjo azul: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v.26, n.2, p.1-08, 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>
- CARVALHO, G.D. et al. Dicionário de Educação sexual, gênero e interseccionalidades. Florianópolis: UDESC, 2019.
- CARVALHO, C.C.; SÍVORI, H.F. Ensino religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira. *Cad. Pagu*, v.50, p.1-37, 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/18094449201700500017>
- CASTELLANOS, M.E.P. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v.19, n.4, p.1-12, 2014. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.12052013>
- CORACINI, M.J.R.F. Análise de discurso: em busca de uma metodologia. *Delta*, v.7, n.1, p.1-23, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339455898>
- CHACON, V. As primeiras universidades brasileiras. *Rev. Serv. Público*, v.109, n.1, p.157-147, 2017. doi: <https://doi.org/10.21874/rsp.v0i1.2369>
- CORDEIRO, T.L. Contribuições da história de vida da cientista brasileira Bertha Lutz para o ensino de ciências. Santa Maria: UFSM, 2022.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. *Rev. Linhas*, v.7, n.1, p.1-21, 2006. doi: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723824562023001>
- FLICK, U. Introdução à Pesquisa Qualitativa. São Paulo: Artmed, 2009.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade, análise fragmentaria de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GOMES, J. Sobre alguns comportamentos sexuais pouco discutidos em sala de aula e o PCN. *Ens. Educ. Ciênc. Hum.*, v.4, n.1, p.51-55, 2003. doi: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.v24n4>
- LEMOS, V. Com mérito, mas sem bolsa: a frustração de quem recorre a ‘bicos’ e ajuda da família para fazer ciência no Brasil. *BBC News Brasil*, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57289688>. Acesso em: 4 mar. 2024
- LIRA, A.M.S. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? *Rev. Eletr. Mast. Prof. Ens. Ciênc. Saúde Amb.*, v.3, n.1, p.1-132, 2010. doi: <https://doi.org/10.22409/resa2010.v3i1.a211102>
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MACEDO, L.C. et al. Análise do Discurso: uma reflexão para pesquisar em saúde. *Interface*, v.12, n.26, p.649-57, 2008. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000300015>
- Mapa da violência de gênero. In: Gênero e número. Mapa da violência de gênero. 2018. Disponível em: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.
- OMS - Organização Mundial da Saúde. A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/6-6-2019-cada-dia-ha-1-milhao-novos-casos-infecoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis>. Acesso em: 18 fev. 2024.
- QUARTIERO, E. A diversidade sexual na escola produção de subjetividade e políticas públicas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- SANTOS, L. R. O médico-higienista e a arquitetura escolar no Brasil sob o prisma da educação sexual entre os séculos XIX e XX. *Scie. Plena*, v.6, n.3, 2010. doi: <https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.2226>
- SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, E.A. A escola, a clínica e a sexualidade humana. *Perspectiva*, v.16, n.30, p.115-142, 1998. doi: <https://doi.org/10.5007/%25x>
- SILVA, K. R. et al. Percepção dos Adolescentes Quanto à Educação Sexual e Sexualidade na Escola. *Ens. Educ. Ciênc. Hum.*, v.22, n.4, p.582-588, 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226923>
- SOARES, M.A.A. Gênero, sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: a percepção dos professores. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2019.
- SOUZA, S.L.; COAN, C.M. Abordagem da sexualidade humana em livros didáticos de Biologia. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 3., Maringá, 2013. Anais... Maringá: UEM, 2013. doi: <https://doi.org/10.19123/eixo.v7i1.488>
- VIEIRA, P.M.; MATSUKURA, T.S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Rev. Bras. Educ.*, v.22, n.69, p.453-574, 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226923>